

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 29 DE JUNHO DE 1862.

N. 8.

## A ANDORINHA PERDIDA.

( Conclusão )

A andorinha é o passaro de arribação mais conhecido n'aquellas paragens. As fendas dos tectos das palhoças das aldeas as esperam com seus ninhos no fim da primavera.

São as mensageiras das flôres e dos prazeres, e com tudo seu vôo é tão sereno, sua voz tão muda, sua hospedagem tão tranquilla!

No verão, no azulado do firmamento, acima do campo de trigo, ou prado, ella oscilla de um lado a outro; poussa-se em um ramo de cerca, salta entre agramas, ergue-se de novo e estende as azas finas e nervosas no ar, e desaparece por entre os salgueiros e faias.

Ao depois poussa-se sobre o ninho, arranja com o biquinho as palhas escolhidas, salta e volta trazendo sempre nova provisão para esse berço de seus filhos.

Quantas vezes, á janella de humilde casebre, cercada de lianas, jasmims e roseiras, se apresenta, de manhã, uma cabeça loura, pensativa, contemplando a andorinha no trabalho de sua existencia; invejando-lhe a sorte, livre no ar e na terra, livre ainda na passagem para climas mais suaves, ahí talvez onde um coração amigo ausente suspira como ella—ou talvez ingrato e insensível—se esquece!

Outras vezes, á tarde, quando o sol vai-se inclinando no horizonte da campanha, sentado no banco de pedra, á porta da casa campreste, o poeta doente, estrangeiro, scisma nos seus e na patria do sul, e considera no viver da andorinha que volteja por cima de sua cabeça e parece querer reanimal-o!

Com ella, o sauloso ausente quizera ver chegar o fim do outono, e emigrar para novos climas conhecidos.

Sobre suas azas pretas elle mandará seus suspiros: com ella viajará o seu coração; elle lhe supplica que esse passaro viajero vá poussa-se na janella da casa paterna, e dê d'elle saudades sem fim.

Poesia que medita e suspira, que se nutre de amor incessante, procura por toda a parte uma irmã que a comprehenda, que com ella converse e lhe dê alimento de inspirações.

Poesia de um doente nostalgico, longe do meio dia tropical, ausente da mais cara porção de sua alma, estrangeira em terra em que se desconhece a sua lingua materna, é como esse passaro de arribação.

Vive no estio alheio, scisma em seu ninho passageiro; e ao depois, quando o outono faz cahir as folhas das arvores, e que os jardins não tem

mais flôres e o prado se torna secco e parda-cento, se ella não emigra para seus lares, se não foge do inverno, é como proscripta semi-morta, abandonada, só, sem ser comprehendida, fica triste e muda, mirra-se n'ella a vida, seu vôo é monotono, e em dia de muita saudade e desanimo, busca no solo hybernoso o seu túmulo—seu derradeiro ninho.

E como a andorinha perdida, a quem as companheiras deixaram só, e o inverno a sorprehende:

Lembro-me de haver visto um dia, em tempo de inverno, uma d'essa andorinhas perdidas.

Sahia do seu ninho, sob as ultimas palhas de uma choça miseravel. Seu vôo era pausado, incerto, curto. Tinha medo de ousar affrontar a estação fria; sua debil natureza de ares mais temperados, ia perecer na rudeza d'aquelles gelos.

A neve cobria o solo e os galhos nus das arvores, tudo era branco, nenhum contraste ali era produzido senão pela andorinha, cuja cor preta e corpo delicado se destacava no ar, cujo fundo era alvo.

Pobre solitaria, exilada longe da familia dos seus unica de sua raça, que ainda habitava o lago dos cysnes, tremula e incerta, soltava de vez em quando um pio triste, repassado da mais amarga dôr.

Seus dias eram longos, sua vida penosa, e por muito que se approximasse da habitação achava sempre frio.

Eu lamentava aquella triste sorte, a minha pôde ser tambem.

Como ella estrangeiro, longe da minha terra e dos meus comparei a minha com a sua existencia.

Como ella, eu não achava o meu clima, nem a linguagem dos meus, nem os meus costumes, nem o meu ninho. O inverno era triste e monotono; as folhas verdes semelhantes ás do arvoredo de minha terra, haviam desaparecido com a neve; e as faias estavam nuas, mirradas, seccas, como mortas, implantadas n'um sudario branco.

Oh! e essa extensão da mesma brancura, essa tristeza eterna, fazia-me tremir; mergulhava-me n'um pensamento dominante, e as minhas lagrimas corriam.

Pobre andorinha perdida!

Triste estrangeiro tão longe dos seus!

É o symbolo palpitante da predestinação do poeta. Quando chega o tempo em que cahe a derradeira illusão, em que a ultima rosa do caminho murcha e tudo se cobre de um sudario de impossibilidade, desperta a alma para a dôr.

A frieza dos homens faz da vida um rude inverno: horripilla-se de frio ao contacto d'esses cadaveres ambulantes carcomidos e gastos pela sensualidade. Elles não tem mais voz, são roucos e monotonos.

A calumnia premeditada e mordente é igual a

furação, mata de fria indiferença.

A vaidade e a prostituição são como os troncos despídos de folhas, e cujas extremidades estão geladas.

Nesses corações enregelados e mortos não pôde mais obrigar-se a alma sensível, e aquecida com o sopro divino do genio.

Os vultos que se agitam na sociedade são como as montanhas de gelo, — indécifráveis.

Só vereis no meio d'elles os filhos do sentimento implantado n'essa neve da vida, como cruzeiros santificados de um vasto cemiterio, e aos quaes ainda pendem corôas de flôres seccas e fitas roxas. São inscrições d'aquelle que não deve viver na terra, são cruzes que indicam martyrio e morte.

Como a andorinha perdida o poeta longe de tudo que lhe é caro, incompreendido, errando, marcha inerte, ao acaso, enchendo o seu livro de lagrimas, procurando sem nunca achar, suspirando sem que a irmã de sua alma lhe responda.

Na emigração que o sentimento fez em éras mais christãs para o céu, aquelle que ainda viver no sentimento e nas inspirações, é como a andorinha perdida—sob um céu de inverno voando ao acaso.

ADDO IZUL.

## A ESPIA

OU

## O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

POR

FREDERIC SOULLIÉ

(Continuação)

—Com tudo, marquez na época de teu casamento partiste para visitar a Europa e o mundo, antes que podessemos dizer-te nada do que em segredo preparavamos. Devias voltar cedo; mas antes de tua volta a Hespanha nos deu o signal, e nós lhe respondemos. A esta noticia correste do fundo da India; mas, a tua chegada o volcão estava soffocado; e achaste o mesmo povo escravo, que tinhas deixado; e a não ser o esqueleto de Pellico balauçando pendurado ás argolas de uma forca, acreditarias que nada se havia passado na patria do Vésúvio, como depois de huma erupção da montanha não se poderia dizer que torrentes de fogo devorarão suas fraldas, quando os camponios tem novamente levantado suas cabanas, e lavrado a lava. Outra advertencia te esperava; apenas chegado, foste mettido em huma prisão, não pelo que tinhas feito; pois estavas ausente de Napoles, mas pelo que infallivelmente farias se aqui tivesse estado; julgáram-te, e foste condemnado, não por teu nome, por mais adorado que seja do povo, mas pelo de Pellico teu sogro, que elles tremião de ver reviver em ti. Embora; nisto os tyrannos nos servirão mais do que pensavão; perseguindo-te mostrarão-nos o que eras; fixarão nossas irresoluções, com o dedo de um carrasco nos mostrarão nosso chefe, nossa esperança, nosso segundo Pellico. Foi por este preço que te mandámos offerer a liberdade por Jaffarino, como nó, dedicado a salvação da patria: acceitaste, nós te imos dizer as condições.

Fez-se hum movimento; e hum dos que forma-

vão o circulo, tomando a palavra, suspendeu Spaffa no momento em que este ia continuar.

—O carbonarismo, disse, não permite a mulher alguma ser admittida aos segredos da associação.

—A filha de Pellico não he huma mulher ordinaria, e por ella se pôde saltar pela regidez das regras, disse Jaffarino.

—Nunca se pôde confiar hum segredo a quem não jura guarda-lo, disse o primeiro interlocutor, e não creio que nenhum de vós pense que a marquezza possa dar ou cumprir o juramento que nos liga.

Spaffa não respondeu cousa alguma; mas Faviani se apressou a dizer:

Qualquer que seja o juramento, ella o dará e cumprirá: respondo por ella.

—Cada qual aqui responde por si, disse Spaffa; marquez, faze retirar tua mulher.

—Não, disse Faviani, não he huma menina sem coragem, que não saiba a ceitar a herança de seu pai, por mais rude que seja. E he preciso mais, que no desterro não haja hum só pensamento pela patria, que não possamos ambos partilhar.

—Sim, sim, disse Favilla com voz firme, quero ficar, darei o juramento.

—Jurai, pois, sobre este Christo, disse Spaffa, que nunca revelareis cousa alguma do que ides ouvir, nem do que depois souberdes sobre os negocios da associação, nem do que ella resolver; jurai que guardareis este segredo em toda a parte a todos, nas masmorras, diante dos juizes, na confissão e no cadafalso.

—Eu o juro, disserão a hum tempo Faviani e sua mulher.

—Jurai tambem, continuou Spaffa abaixando a voz, que se entre os membros da associação se achar algum traidor, o denunciareis ao tribunal secreto dos carbonarios.

—Eu o juro, disserão as mesmas vozes.

—Jurai ainda, que se o traidor for condemnado por esse tribunal, executareis a sentença, se fordes designada para esta execução, ainda que seja a morte, e se trate de vosso melhor amigo, de vosso irmão, de vosso pai, ou vosso filho.

Só a vez de Faviani respondeu: —eu o juro.

Spaffa se chegou a marquezza, e lhe disse com um leve tom de supplica:

—Se este juramento voz faz tremer, retira-vos.

—Não, disse Faviani, sômente os termos a fizeram assustar. Pobre orfã, sem outra familia mais do que eu, tem que espantar-se desses terriveis deveres.

—Que! exclamou Favilla: he preciso jurar que se matará irmão, pai, mesmo esposo!

—Tinhamos esquecido esta clausula, disse o que primeiro quizera fazer retirar Favilla. Se a marquezza quer ficar, deve jurar nestes termos.

—Jurar que mataria meu esposo! he impossivel, disse Favilla.

—Não he o juramento ordinario, disse Spaffa; para que muda-lo e augmenta-lo ainda?

—Quando se faz jurar ao filho que matará seu pai, ao pai que matará seu filho, exige-se mais da fidelidade do carbonario, disse o mesmo interlocutor. Se se não fallou de mulher, nem de marido, he porque só devião entrar homens em nossos segredos. Já que a regra foi violada, he preciso mudar o juramento.

—Sim, sim, murmurou o circulo.

—Jura, Favilla, disse Faviani com altivez, jura.

que me matarás se eu trahir os meus juramentos ; olha , eu juro que te hei de matar se tu trahires os teus.

—Tu o podes, disse Fiavilla, e eu o merecerei : mas tu . . .

—Tens medo que seja traidor ? disse Faviani : vê que os fazes desconhar de mim.

—Se he assim, disse a marquezia, se he assim... eu o juro.

—Esta ultimas palavras pronunciou ella com um terror singular, sem perceber o olhar de compaixão com que Spaffa olhava para ella, em quanto ella vencia com grande difficuldade sua fraqueza mulheril para pronunciar esta terrivel palavra.

(Continua).

## Misterios.

( FOLHA SOLTA. )

### I.

Nunca viste Zizina, a noite em horas mortas quando a terra achia-se mergulhada em profundo silencio, e a natura envolvida pelo sombo, deixando apenas ouvir-se o brando suspirar do mar sobre abranca areia ; ja vistes nessas horas de calma e de silencio a lua percorrendo magestosa os plainos a sulados do firmamento ? . . e não sentiste então teu peito palpitar no ancisar de vagos desejos ?

Ou então apoderado de melancolia, d'esse espirito invisivel que nos enche o coração, e conduz nossa mente a regiões phantasticas, ou a pensar nesse nada da vida ? Ou na grandeza infinita do Supremo Author do universo ?

Não encostaste tua fronte alva e bella, e nesse scismar ardente tua imaginação não creou algum fantasma semelhante aquelles que a meia noite abandonão seus tumulos, seus mausuleos, para vir gosar do ar da terra, não viste-o aproximar-te vagando a passos lentos, e depois aproximarte a ti, seu anjo sua visão e di-er-te : EM QUE SCISMA, AMJO DE INNOCENCIA E DE PUREZA ? PORME TRANQUILLO QUE EU TE VELAREI. E de pois beijar-te essa fronte candida, abrasada nessa longa e profunda melancolia ?

—Oh ! sim por certo ! . .

E sabes tu Zizina quem é esse fantasma que rouba-te essa hora de repouzo, e que convida-te a scismar ?

—Queres tu saber ?

—Sou eu . . .

Sou eu, que abandono meu debli corpo já lasso de fadiga, e dirigo-me envisivelmente a contemplar-te, a esquecer o remor infernal dos homens, e dessa sociedade absorvida no lodo do materialismo e fugir do quadro para mim tao abominavel da realidade.

Es tu quem também eu vejo sempre no meu

scismar, junto a mim, sentindo o palpitar travesso de um coração sensivel, es tu quem eu vejo nos meus sonhos apparecer-me qual visão angelica, mais bella que as Virgens do immortal Urbino, serena como a lua, e que o sol mais bella.

Es tu, que te apresentas-me semelhante aquella virgem que raiou a Gabriel, nuncio aprasivel daquelle que confirma a Goffredo o mando !

Somos nos !

Somos nos Zizina, que saltamos no nosso scismar nosso espirito e elles reunen-se !

Sou eu, porque te amo e aforça do meu amar-te prosta em embriagante apathia, e então meu espirito te adora, eu te contemplo e minh'alma s'eleva ao SENHOR pelo praser, pelo contentamento pela forte emoção que sente !

Es tu, porque me amas, e então envias-me teu espirito a meligar esta dor, este sentimento, esta paixão que nutro que me rouba o somno que faz palpitar meu peito, que apodera-se de meu ser de tudo em fim ; es tu por que es a alma de meu corpo.

### II.

Podemos nos julgarmos-nos os entes mais felizes que DEUS colocou sobre a terra.

Eu e tu Zizina não somos mais que uma expressão do amor.

Tu es a rainha que caminha, fagueira e magestosa a luz da vaidosa companheiro do radiante *Phebo*, e eu sou a sombra que acompanha teus passos !

Eu sou feliz quando te contemplo, minh'alma s'eleva jubilosa e fucual venturas, meu coração palpita, e ta'alma acende-se no fogo da paixão. . . e somos felises . . . sim, muito felises !

Eu sou tudo contigo ! . . a vida vai-se-me leda qual doce murmurar da brisa pelo vergel !

Sem ti, Zizina, sou qual plebeu errante mendigando o pão para viver, ou a cicuta para terminar o triste vegetar.

Sou qual viagor cansado, entregue as ferás das florestas.

Sem ti, os praseres da vida fogem com a rapidez do raio, minh'alma sofre trances horriveis e contigo Zizina, ella remonta-se a regiões ethereas onde mil venturas me embriagão ao som de tua harmoniosa voz como as canções dos anjos, onde descançamos sobre tapetes de bominas, onde nos so tecto é a serena abobada celeste, recamamada de mil estrelas n'um ceu de puro azul de setim, onde temos auras balsamicas que brincão do norte ao sul !

Oh! Zizina amada, anjo de candura e de innocencia, somos felizes!

III.

Tu és, Zizina, a roza frosea e perfumada que vaidosa ostentava-se, no seu has'il, eu sou as verdes folhinhas que a cercão, e sua essencia é nosso amor!

Sim, nos somos a flor p'rq' nos amamos e somos felizes e ella é o emblema do amor e felicidade.

Sim, somos felizes por que tu és o sopro que me anima, és a estrela que me guia, o anjo que me acompanha, és o et' que me prende a vida!

..... Dirceu, pranteou a ausencia de sua Marilia, Petrarcha, chorou as saudades de sua Laura, e eu?... eu Zizina, não sei se teria forças para chorar-te se a sorte ousasse, separar-nos por um só dia!

Não!.. não, porque tu és a minha vida, a minha alma, o meu alento, e sem ti viver fôra impossivel.

IV

Oh! scisma, scisma anjo de bondade scisma Zizina, que teu scismar tem poesia, embriaga-te nessa melancolia que tem encantos, que assim noss'almas reuñem-se e gosão os puros e ethereos praseres, e gosando somos felizes.

Desterro 25 de Junho 62.

CATHARINO GALENO.

**Variedade.**

**A CONSCIENCIA.**

A consciencia é o derradeiro pudor que se perde.

\* \* \*

E' o raio luminoso que esclarece o naufragio de uma alma em erro.

\* \* \*

E' o anjo consolador das falsas imputações.

*F. Eleuterio.*

E' um juiz infalivel; não ha felicidade em opposição ás suas sentenças

*Bracarencis.*

E' um cancro que nos roe quando encontra

que roer. E' lanterna que alumia o caminho que seguimos.

*Taviju.*

**Anedocta.**

Milton, famoso author do *Paraizo perdido*, e um dos maiores poetas da Inglaterra, foi casado tres vezes. Ao tempo que lhe morreu a primeira mulher, cegou elle, e em poucos mezes tornou a cazar. Admirando-se um dos seus amigos de que tivesse encontrado consorte em taes circumstancias: « Não vos admireis, lhe disse Milton; assim mesmo sou um bom partido, e melhor seria o meu casamento, se eu fôra tambem surdo.»

Casando terceira vez com uma joven muito bella, porém de genio tão forte e aspero, que bem poderá dizer-se de trezentos mil, lhe disse um dia lord Buckingtoa; « Vossa consorte é uma perfeitissima rosa.--Não o duvido, meu querido lord, lhe respondeu Milton: eu não a vejo nem posso distinguir de côres; com tudo reconheço a verdade pelos espinhos com que punge.»

**GHARADA,**

Tal é-nos o ser que amamos,  
Se escravos somos de amor. 2

Eu estou entre os lilazes  
E a bomina multicolor. 2

O todo exprime  
Seu lindo nome,

Que só de amores  
Meu ser consome.

*E. P.*

**Typographia Catharinense**  
de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta  
N. 23. — 1862.